

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: AVALIAÇÃO VISUAL EM PACIENTES AUTISTAS

Renata Cardoso Fuly (**Coordenadora** do Curso de Optometria da Faculdade FASUP)

Klebiane Márcia Pereira da Silva (Direção Acadêmica da Faculdade FASUP)

Email: renata.fuly@fasup.com, academico@fasup.com,

1. INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que se caracteriza por prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos (APA, 2002). Os sintomas estão presentes desde a infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo.

A incidência de casos de autismo tem crescido significativamente nas últimas décadas, sendo estimado que entre 1 a 2 milhões de brasileiros preencham critério para o espectro autista (IBGE, 2000). A pessoa Autista tem problemas para coordenar sua visão central e periférica, dificuldade de realizar movimentos de seguimento, pode apresentar estrabismo e apresentar incapacidade de olhar diretamente.

Em um exame optométrico avalia-se o estado refrativo, a motricidade ocular, a integralidade anatômica do olho, e sensorialidade dos pacientes. entretanto, na avaliação não é possível desconsiderar todas as particularidades do TEA. Desta forma, a abordagem desses pacientes necessita ser diferenciada visando dar a melhor solução óptica e resolvendo ou minimizando alterações visuais de ordem refrativa, motora e/ou sensorial.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada pesquisa exploratória e bibliográfica em ambiente virtual nos sites Scielo, PubMed, Google Acadêmico, Associação Americana de Optometria, Sociedade Brasileira de Oftalmologia e Associação Brasileira de Déficit de Atenção. A busca por referências ocorreu a partir dos descritores: Transtorno do Espectro Autista, Autismo, atendimento, erros refrativos, avaliação visual, adotando-se como critérios de inclusão os anos de publicação de 1997 a 2018 e, os idiomas português, inglês e espanhol.

Foram selecionados 32 artigos e a partir do detalhamento obteve-se 20 bibliografias submetidas à leitura integral e interpretativa para confronto das ideias e redação do texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Little (2018), pequenas alterações na prática clínica podem fazer diferença na criação de ambiente amigável ao autista. Dar a família e/ou paciente informações diretas por escrito sobre o que ocorre durante exame optométrico e oferecer a oportunidade de visitas, ao consultório optométrico, de familiarização em momentos tranquilos pode ajudar a preparar o indivíduo e a família.

A abordagem do paciente TEA deve considerar: envio da anamnese previamente aos pais para preenchimento das informações necessárias de forma que possa verificá-las previamente a consulta. A consulta deve ser marcada no horário que o paciente normalmente encontra-se em sua melhor disposição. Sugere-se aos pais uma visita prévia ao consultório para que o paciente se familiarize com o ambiente. Deve-se atenuar qualquer recurso que possa se tornar um problema como: sons, cheiros, luzes fortes e distrações. (SCHULMAN; COLLIER, 2011)

Segundo Green *et al* (2014), o optometrista deve adotar como estratégia na abordagem do paciente TEA as recomendações: Não trate a recusa ao contato como rejeição; Insista em uma resposta; Finja-se de desentendido e faça o paciente explicar o que quer; Use gestos, tons da voz, ou linguagem corporal que sejam familiares ao paciente para acentuar o que fala; encoraje a auto regulação; Determine limites e certifique-se que entenderam as regras; Identifique e elogie o bom comportamento; Tenha empatia e esteja disponível para escutar. Ressalta-se, entretanto, que cada indivíduo TEA é diferente e é importante desenvolver uma abordagem flexível para melhor atender as necessidades individuais de cada paciente. (LITTLE, 2018)

4. CONCLUSÃO

O artigo discute o desafio de realizar um atendimento optométrico eficaz a pessoas com transtorno do espectro autista (TEA), como a interação, pois o TEA apresentam dificuldades em comunicar-se e estabelecer relações sociais. Para superar esse desafio, é importante que o optometrista conheça as especificidades do TEA.

Isso significa entender as emoções, reações, forma de falar e peculiaridades desse transtorno. Com esse conhecimento, o optometrista pode adotar medidas e atitudes que permitam a interação paciente-examinador, a fim de estabelecer uma relação de confiança e obter um diagnóstico refrativo, ocular e motor preciso.

5. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4 ed. Revisada (DSM-IV-TR). Porto Alegre: Artmed; 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002

GREEN, M. D. A. et al. **Successful Optometric Vision Therapy with Patients on the Autistic Spectrum: Engaging Patients with Visual-Cognitive Therapy**. *Optometry & Visual Performance*, [s.l.], v. 12, n. 5, p. 235-239, 2014. Disponível em: https://www.ovpjournal.org/uploads/2/3/8/9/23898265/ovp2-5_article_green_web.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

KHOURY, L. P. et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**: guia de orientação a professores. São Paulo: Memnon, 2014.

LITTLE, Julie-Anne. Vision in children with autism spectrum disorder:: a critical review. *Clin Exp Optom*, Austrália, ano 2018, p. 1-10, 29 nov. 2017. DOI 10.1111. Disponível em: 18/08/2023. Acesso em: 18 ago. 2023.

SHULLMAN, R.; COLLIER, J. **Treating Patients on the Autism Spectrum**. *Review of Optometry*, [s.l.], apr. 2011. Disponível em: <https://www.reviewofoptometry.com/article/treating-patients-on-the-autism-spectrum>. Acesso em: 27 ago. 2023